

Descritivo família Botta

A **família Botta no Triângulo Mineiro** descende, em sua maior parte, de **Costantino Botta** e **Giuseppa Belloni**, casal oriundo da região do Piemonte.

O casal e seus filhos chegaram ao Brasil em 14 de março de 1889, no vapor Solferino, tendo saído de Gênova e desembarcado no porto do Rio de Janeiro. Seguiram todos para a Hospedaria do Imigrante em São Paulo. Na matrícula da família na Hospedaria, há um registro no canto da página informando que Costantino ficou doente no Rio de Janeiro.

Inicialmente, a família se estabeleceu no estado de São Paulo. Uma das filhas, **Rachele Regina Botta**, casou-se com Bellino Primo Pavarin em Jambeiro-SP (em 12 de outubro de 1889), ou seja, no mesmo ano da chegada da família ao Brasil.

Seguiram, então, para a região de Batatais, no oeste paulista, onde mais 3 filhos se casaram: **Carlo Domenico Botta** com Sabina Rolandi (em 1895), **Antonio Pacifico Botta** com Marianna Martins da Conceição (em 1896) e **Pacifico Stefano Botta** com Iria Cândida de Jesus, irmã de Marianna (em 1900).

Mas foi no Triângulo Mineiro, especialmente em Conquista, Guaxima e Sacramento, que a família se estabeleceu por mais tempo. **Giovanni Botta** casou-se com Angela (Angelina) Guarda em Sacramento (em 1898), **Francesca Maria Botta** casou-se com Carlos de Souza Corrêa em Sacramento (em 1899), **Arcangelo** (também conhecido como **Angelo** ou **Júlio Botta**) casou-se com Ernesta Vignudelli em Sacramento (em 1903) e **Ettore Botta** casou-se com Josephina Paula Jacometti em Conquista (em 1907).

A maior parte dos filhos destes imigrantes italianos nasceu em Conquista e Guaxima, uma vez que a família conseguiu adquirir uma pequena porção de terras em regime de consórcio (Fazenda do Aguirre). Uniram-se para realizar a compra os irmãos Francesco Giovanni Botta e esposa (Antonia Rolandi) e Carlo Domenico Botta e esposa (Sabina Rolandi), além de Giuseppe Botta e esposa (Pierina Carletto) e Antonio Botta Sobrinho e esposa (Roma Tiso), ambos filhos de Francesco Giovanni Botta e Antonia Rolandi. Essa porção de terras foi vendida em 1917 (processo concluído em 1922) e, a partir de então, a família iniciou um processo de movimentação pelo território brasileiro, com a consequente separação de irmãos e primos.

Com relação às fotos compartilhadas com o MUVITMG:

1. A primeira foto é de Pierina Carletto, esposa de Giuseppe Botta (José Botta, no Brasil). Os descendentes disseram que existia um retrato de José, mas seu paradeiro é desconhecido. José era o filho mais velho de Francesco Giovanni Botta (filho mais velho de Costantino Botta e Giuseppa Belloni) e Antonia Rolandi. José é o único neto de Costantino e Giuseppa que nasceu na Itália, tendo sido batizado em Ghemme, Novara, com o nome de Giuseppe Costantino Giorgio. Francesco, pai de José, faleceu jovem, por volta de 1916, antes da venda das terras consorciadas. Sua esposa Antonia Rolandi o representou em cartório na ocasião da venda. O paradeiro da esposa Antonia Rolandi também é desconhecido, e não há fotos deste casal. José Botta e Pierina Carletto se mudaram de Conquista para o estado de São Paulo

por volta de 1918, onde nasceu a última filha (Olga Botta, em Bauru, em 1920). Então, toda a família seguiu para o estado do Paraná, onde José estabeleceu uma serraria em Astorga-PR. O antigo galpão da serraria hoje abriga a escola municipal Amábile Tonetto Pozzobon. Pierina Carletto era parteira, e é lembrada até hoje na cidade por ter feito o parto de inúmeras pessoas que ainda estão vivas.

2. A segunda foto é de Antonio Botta Sobrinho, segundo filho de Francesco Giovanni Botta e Antonia Rolandi. Casado com Roma Tiso, Antonio provavelmente seguiu os passos do irmão José Botta após a saída de Conquista. Antonio e família foram para o estado de São Paulo (Cajamar e Jaborandi) até se estabelecerem definitivamente no estado do Paraná, em Astorga-PR. A família Botta foi uma das primeiras a estabelecer residência em Astorga. Antonio tinha plantações de café e, na velhice, ficou surdo.
3. A terceira foto retrata a família de Giovanni Botta (João Botta, no Brasil) e Angelina Guarda. Giovanni era o segundo filho de Costantino e Giuseppa Belloni. Provavelmente Giovanni veio para o Brasil com o irmão mais velho Francesco, antes do restante da família, uma vez que não há registro desses dois irmãos nem na lista de bordo do vapor Solferino nem na Hospedaria do Imigrante em São Paulo. Giovanni comprou terras na região de Peirópolis, hoje distrito de Uberaba-MG, e lá teve 11 filhos, dos quais apenas 1 não chegou à idade adulta (Aristides José Botta, morto por picada de cobra aos 13 anos). A qualidade da foto não permite identificar muitas pessoas, mas acredita-se que Giovanni Botta seja o primeiro homem de pé ao fundo, de chapéu, da direita para a esquerda. Uma neta de Giovanni me informou que havia um retrato dele pintado à mão na sala da casa de seu pai, Paulo Botta. Porém, algum parente pediu o quadro emprestado após a morte de Paulo e o paradeiro do retrato é hoje desconhecido. A maior parte dos descendentes de Giovanni Botta e Angelina Guarda reside hoje em Uberaba. O casal italiano vendeu as terras em Peirópolis e comprou uma chácara no alto do bairro da Abadia (rua Barão da Ponte Alta, n. 103), na cidade de Uberaba. Muitos netos moraram nesta chácara quando se mudaram para Uberaba, para continuar os estudos.
4. Na quarta foto está Angelina Guarda, esposa de Giovanni Botta. Os descendentes me relataram que a família Guarda tinha como destino final a Argentina, mas uma doença assolou a embarcação, que teve de fazer uma quarentena não prevista no Brasil. Por algum motivo desconhecido, Angela (ou Angelina) Guarda decidiu permanecer no Brasil, ao passo que o restante da família seguiu para a Argentina e se estabeleceu na região de Santíssima Trindad, Llambí Campbell, Santa Fe.
5. Na quinta foto está o casal Luiz Parolini e Maria Botta. Maria era a filha mais velha de Giovanni Botta e Angela Guarda. A família Parolini (às vezes grafada Parolin) na região do Triângulo Mineiro é extensa e muitos não sabem que possuem relação com os Botta, através de Maria.
6. Uma foto dos filhos de Maria Botta e Luiz Parolini.
7. Na sétima foto está Orlando Parolini, filho mais novo de Maria Botta e Luiz Parolini. Nascido em Perdizes-MG, trabalhou na Biblioteca Pública Municipal Bernardo Guimarães em Uberaba-MG na juventude e mudou-se para São Paulo-SP em 1955, onde se desenvolveu como poeta, crítico de cinema, dramaturgo e ator. Foi um dos representantes da “geração zangada” e da contracultura paulista dos anos 1960-1970, e há uma tese de doutorado escrita por Fabiano Antonio Calixto sobre ele, defendida em 2019 na USP, sob o título "Na Poça d'Água uma Estrela Apodrece: a Poesia de Orlando Parolini".

8. Rachele Regina Botta era a terceira filha de Costantino Botta e Giuseppa Belloni. Apesar de ter se casado em Jambeiro-SP, permaneceu no estado de São Paulo por pouco tempo, tendo se mudado para Conquista-MG e lá permanecido por muitos anos. A maior parte de seus filhos, com Bellino Primo Pavarini, nasceu em Conquista. Porém, faleceu em São Caetano do Sul-SP. Na foto, está rodeada pelos netos Américo, Carolina e Alcides Paravini (da esquerda para a direita).
9. Antonio Pacifico Botta era o sexto filho de Costantino Botta e Giuseppa Belloni. Conhecido no Brasil apenas como Antônio Botta, foi talvez o único de sua geração que estudou e se profissionalizou. Trabalhou em Franca-SP com armarinhos e também como padeiro e alfaiate. Em 1911, formou-se Engenheiro civil pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro (instituição criada após a “lei orgânica de ensino”, que facilitou a abertura de cursos profissionalizantes). Porém, não conseguiu revalidar seu diploma, após petição ao Ministro da Agricultura do Rio de Janeiro em 1925. Ainda assim, seguiu atuando como Engenheiro e Agrimensor “prático” (sem educação formal na área) em Conquista. Sua vida, repleta de altos e baixos, foi marcada por uma tragédia em 1909. Como engenheiro, ele operava uma serraria movida a água na fazenda do major Antônio Fontoura Ribeiro, em Conquista. Certo dia, quando Antonio Botta não estava presente, um de seus filhos aproximou-se do maquinário em movimento e acabou sendo arrastado pelas serras. A mãe, Marianna Martins da Conceição, na tentativa de socorrer o filho, também foi vitimada pelas serras. Após o trágico incidente (que foi noticiado nos jornais), Antonio casou-se com uma sobrinha de sua falecida esposa, uma menina à época com 14 anos (Antonio Botta tinha 36 anos). A segunda esposa, Maria Rita, concebeu seu primeiro filho com Antonio Botta aos 18 anos. Ela teve 9 filhos (2 não chegaram à vida adulta) e foi madrastra dos outros 7 filhos sobreviventes do primeiro casamento de Antonio.
10. Na décima foto está Maria Rita de Souza, segunda esposa de Antonio Pacifico Botta após o trágico incidente que vitimou sua tia, Marianna Martins da Conceição, a primeira esposa de Antonio. Maria Rita faleceu em Santo Antonio da Alegria-SP em 1982, aos 85 anos.
11. Recorte do jornal “O Paiz” datado de 15 de novembro de 1909, relatando o incidente com Marianna Martins da Conceição e um dos filhos de Antonio Botta na fazenda do major Antônio Fontoura Ribeiro.
12. Recorte do jornal “O Paiz” datado de 24 de janeiro de 1925, em que um comentarista ridiculariza o pedido de revalidação de diploma de Antônio Botta ao Ministro da Agricultura do Rio de Janeiro.
13. Esta foto, tirada em Uberaba-MG no dia do casamento de Egidio Botta e Thereza Rossi (outubro de 1925), retrata toda a família de Júlio Botta. “Júlio” é um nome criado, conforme pude constatar ao longo de minhas pesquisas. Sétimo filho de Costantino Botta e Giuseppa Belloni, a criança chegou ao Brasil com o nome de Arcangelo Botta. Em documentos posteriores, seu nome aparece grafado como Angelo, apenas. E, depois de seu casamento com Ernesta Vignudelli, passou a se chamar Júlio Botta. A família possuía uma chácara na rua Afonso Rato, onde cultivava hortaliças e vegetais. O excedente da produção era vendido na Praça Manoel Terra, onde pouco tempo depois seria construído o Mercado Municipal de Uberaba. Júlio (ou Arcangelo) Botta foi um dos primeiros produtores a se instalar nas dependências do Mercado Municipal. Trabalhou até idade avançada. Quando a doença de Parkinson o afastou definitivamente do trabalho, seu filho Egidio assumiu

a banca no Mercado Municipal. Na foto, da esquerda para a direita: Antonia (ou Antonieta) Botta, Egidio Botta e esposa, Thereza Rossi, Júlio Botta, Ernesta Vignudelli, Heitor (ou Ettore) Botta e Umbelina Botta.

14. Foto de Egidio Botta e Thereza Rossi em idade adulta.
15. Foto da família de Egidio Botta e Thereza Rossi, em Uberaba-MG. Da esquerda para a direita: Elza, Maria de Lourdes, Egidio Botta, Dalva, Thereza Rossi, José Vicente e Maria Heloísa.
16. Nesta foto está o casal Iria Cândida de Jesus (irmã de Marianna Martins da Conceição e tia de Maria Rita de Souza) e Pacifico Stefano Botta. Ele era o oitavo filho de Costantino Botta e Giuseppa Belloni. O casal teve 14 filhos, dos quais 4 não chegaram à vida adulta. A maior parte dos filhos nasceu em Conquista-MG, mas a família se mudou para a região de Presidente Prudente-SP, oeste paulista, provavelmente no final da década de 1920. Lá, Pacifico trabalhou como agricultor até o fim da vida. Faleceu aos 55 anos, em 1933. Há grande descendência em Presidente Prudente e região, bem como em Sarandi, Tamboara, Paranaíba e Apucarana, no estado do Paraná.
17. Nesta foto está o casal José Botta, filho mais velho de Pacifico Stefano Botta e Iria Cândida de Jesus, e Erasma Violin Scarpellini. Natural de Conquista-MG, José Botta casou-se com Erasma em Colina-SP. A família se estabeleceu primeiro em Presidente Prudente-SP e, em seguida, no estado do Paraná (Tamboara e Paranaíba). Muito católicos, na foto se encontram ajoelhados em oração.
18. Nesta foto está a família de Ettore Augusto Botta, o filho mais novo de Costantino Botta e Giuseppa Belloni. Tendo chegado ao Brasil com apenas 3 anos e alguns meses de vida, Ettore é outro italiano marcado por tragédias pessoais no Brasil. Casou-se com Josephina Paula Jacometti, filha de italianos, em Conquista-MG, em 1907. Por sofrer de um problema nas pernas, precisou fazer um tratamento prolongado em outra cidade. Ao retornar a Conquista, sua esposa havia sido “sequestrada” pelo dono da fazenda onde moravam. Alegando estar apaixonado pela mulher, o proprietário impediu Ettore de rever Josephina. Angustiado, ele se mudou para Olímpia-SP, onde anos depois conheceu Anna de Britto, uma mulher negra e viúva que havia perdido o marido em um crime passionai. Segundo me informou uma das filhas de Ettore, quem escolhia o nome das crianças era o tio, o italiano Antonio Pacifico Botta. Antes do último filho nascer, porém, o tio Antonio faleceu, sem deixar indicação de nome para a criança. Desse modo, Ettore batizou seu último filho com o nome de Antonio Botta. Ettore foi jardineiro da prefeitura de Olímpia-SP, onde faleceu em 1971. Na foto, da esquerda para a direita: Ruth Botta, José Botta (filho adotivo), Anna de Britto, Fulva Botta, Ettore Botta, Sinária Botta e Antonio Botta.

Com relação a Costantino Botta e Giuseppa Belloni, não foram encontrados seus registros de óbito em cartório, nem o local de seus sepultamentos. Porém, através de minhas pesquisas, concluí que Giuseppa Belloni certamente faleceu antes de Costantino, por volta de 1898, na região de Batatais-SP ou Sacramento-MG, e Costantino certamente faleceu em Conquista-MG, por volta de 1911.

Enviado ao MUVIT MG por João Vitor Rodrigues Braga em 18/02/2026.